

O ESPAÇO SAGRADO NA RECONSTRUÇÃO DA LEMBRANÇA MÍTICA DAS ORIGENS

Teodoro Hanicz

Teólogo/Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP).

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar como um grupo de imigrantes ucranianos encontra mecanismos para preservar sua identidade cultural. Reconstruindo o espaço sagrado os imigrantes recriam o universo religioso vivido no seu país de origem. A reconstrução do espaço sagrado serviu para preservar a identidade, reorganizar o mundo social e religioso, demarcar fronteiras étnicas, reconstruir a religião e o rito. Recriando o espaço sagrado os imigrantes estavam refundando o “seu mundo” e reconstruindo a lembrança mítica das suas origens.

Palavras-chave: imigração; ucranianos; memória; identidade; rito; espaço sagrado.

Abstract: The objective of this article is to show how a group of Ukrainian immigrants find mechanisms to preserve their cultural identity. By reconstructing the sacred space, the immigrants recreate the religious universe of their homeland. The reconstruction of the sacred space helped the immigrants preserve their identity, reorganize their social and religious world, set ethnic boundaries, and rebuild religion and rite. Recreating the sacred space, the immigrants were re-founding “their world” and rebuilding the mythical remembrance of their origins.

Keywords: immigration, Ukrainians, memory identity, rite, sacred space.

Introdução

O espaço sagrado na reconstrução da lembrança mítica das origens é parte de um estudo mais amplo, de uma colônia ucraniana no Paraná, Antônio Olinto¹². Município a 140km de Curitiba, ao Sul do Paraná, entre a histórica Lapa e São Mateus do Sul, à margem da rodovia do Xisto, Antônio Olinto é uma cidadezinha típica de interior, cuja população urbana não ultrapassa 2 mil habitantes, sendo que a população total do município soma 7.732 hab. (dados de 1992). A economia é predominantemente agrária e sem indústrias de grande porte, exceto a madeireira.

Os ucranianos chegaram a Antônio Olinto por volta de 1895-1896 e procuram, de alguma forma, manter as suas tradições, os seus costumes e sua religiosidade. São, em sua maioria absoluta, camponeses, pequenos e médios proprietários.

A comunidade ucraniana tem o seu espaço próprio para o culto. A igreja, quase centenária, em estilo ucraniano-bizantino, com cinco cúpulas, toda de madeira, é a única atração turística da cidade, cuja propaganda o viajante observa nas placas de informações na rodovia do Xisto. A igreja, que está distante da cidade mais ou menos 1km, a casa do vigário, o colégio das freiras, a escola, o salão paroquial, a gruta e o cemitério e, só depois, os primeiros moradores, tudo isso traduz a geografia típica de uma aldeia ucraniana, criando uma ordem social e religiosa relativamente autônoma, com estilo próprio.

Este breve estudo tem por objeto abordar o espaço sagrado como lugar da reconstrução da identidade religiosa, cultural e social do grupo ucraniano de Antônio Olinto. A fundamentação teórica se sustenta em Mircea Eliade.

Espaço sagrado e ponto de orientação

Vindos ao Brasil, os imigrantes precisaram não apenas satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência, mas também reorganizar seu mundo social e religioso a partir das experiências culturais do seu país de origem e das experiências que a nova terra lhes

¹² Religião, Rito e Identidade. Estudo de uma colônia ucraniana no Paraná. Dissertação de mestrado defendida em dezembro de 1996, no Programa de Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Torres Londoño.

oferecia. Na bagagem cultural veio também o rito ucraniano, uma forma própria e particular de expressar a sua religiosidade, traduzida nas celebrações litúrgicas, muito diferentes das celebrações do rito latino, predominante no Brasil.

Uma das primeiras preocupações dos imigrantes ucranianos de Antônio Olinto foi a construção de um lugar para o culto ou de um espaço sagrado, que iria servir de ponto fixo, de Centro de orientação para o grupo (ELIADE, 1992, p. 22). A construção desse ponto fixo iria desempenhar duas funções: a de proporcionar a comunicação com o outro mundo, o mundo transcendental, e proporcionar um espaço de inter-relações.

Nesse caso, quando falamos de espaço, estamos falando propriamente de um lugar geograficamente localizado. Portanto, o lugar será representado pelo templo-igreja ou locais de culto. É o templo que vai reunir, expressar características e se transformar em um dos suportes do rito ucraniano, formando um ponto fixo de orientação. E isso pode ser muito bem observado no caso dos ucranianos de Antônio Olinto. Observa-se que a igreja ucraniana está localizada fora da cidade, fora do contexto urbano. Ela se localiza em uma pequena elevação, como sinal de que aquele mundo é posse de alguém. Isso faz com que ela se insira naquilo que podemos chamar de limite que distingue dois mundos — ucraniano e brasileiro — e serve de orientação e de sinal para pôr fim à desordem e ao caos provocados pela desorientação. Assim, ela nada mais é que o ponto de apoio do qual fala Mircea Eliade (ELIADE, 1992, p. 24-27). Erigir a igreja vai validar a posse do espaço e fazer com que ele, de algum modo, se torne sagrado. Assim, o espaço sagrado será uma das dimensões na qual a religiosidade vai se redefinir, assegurar sua autonomia, se impor e se reproduzir.

Como se tratava de um grupo de imigrantes que trouxe um rito próprio, era evidente que a construção do ponto de orientação, ou seja, o templo, iria obedecer à lógica própria das raízes do rito. Como o rito ucraniano tem raízes bizantinas, a construção iria reproduzir os traços daquela arquitetura, cuja representação arquitetônica é construída a partir do simbolismo cósmico. No caso da igreja ucraniana de Antônio Olinto, essa representação cósmica está presente e é acentuadamente visível, como poderemos constatar neste estudo. Antes, porém, vejamos como o mundo ucraniano foi “refundado” e “recriado”.

A refundação do mundo

Ao se instalarem em Antônio Olinto, os imigrantes ucranianos logo procuraram espaço para expressar a sua religiosidade conforme os rituais próprios da sua cultura. Eles recriam o universo social e religioso vivido em seu país de origem. A recriação desse universo desempenha a função de vincular os imigrantes a seu passado cultural e de aglutiná-los em seu novo habitat, para preservar os costumes e a tradição. Pode-se supor que a recriação desse universo foi um mecanismo de resistência, para superar a desestruturação a que estavam expostos e foi também o espaço para redefinir e preservar a identidade. Recriando o espaço social e religioso, os imigrantes estavam construindo o seu mundo, que, para eles, era o Nosso Mundo, o Nosso Cosmos, o Nosso Centro. O rito ucraniano, com suas celebrações e simbolismos próprios, assumiria a função de dar sustentação a esse Cosmos.

A construção, a demarcação e a conquista desse Nosso Mundo tiveram início com o processo de povoação daquele lugar pelos imigrantes ucranianos, cuja história é muito interessante. “O processo de povoação de uma nova região, não cultivada e desconhecida, equivale a um verdadeiro ato de Criação”, afirma Mircea Eliade (1992b, p. 22). E “a instalação num território reitera a cosmogonia” (ELIADE, 1992, p. 40). O relato de um dos primeiros imigrantes a pisar aquela região sugere a confirmação e o endosso dessa tese.

Num lugar bem visível levantaram uma cruz e aos domingos se reuniam e celebravam cultos religiosos[...] Depois erigiram uma pequena capela de taquara e aos domingos e dias santos os diák celebravam cultos religiosos.¹³

13 Mikhailo Chevtchuk. Sórok Lítia Uraínkoí Imigrátzii v Brazélii. *Prácia*, Prudentópolis, n. 34, 1936, p. 3. Tradução nossa. Conforme uma anotação posterior, encontrada no Livro do Tombo, a primeira missa teria sido celebrada alguns anos mais tarde. “A primeira Santa Missa foi rezada na Linha São João, a 3 km da atual igreja, mais ou menos no ano de 1989. Ela foi celebrada ao pé da cruz da missão pelo padre Clemente Bzuchovski, OSBM. A cruz feita de canjarana, mas tarde brotou e agora é uma frondosa árvore à beira da estrada”. F.51. Obs. Essa anotação foi feita no final da década de 70 e está sujeita a algumas incoerências, como, por exemplo, a frondosa árvore à beira da estrada não é canjirana, mas cedro. Há também quem diga que aquela árvore foi simplesmente um marco que dividia lotes. Diák = sacristão.

Na colônia Antônio Olinto foram assentados imigrantes ucranianos e poloneses. Embora eslavos, os poloneses são do rito latino. A trajetória histórica desses dois grupos, nos seus respectivos países de origem, principalmente no que se refere à questão religiosa, é tecida de grandes conflitos. Aqui no Brasil, nos primeiros anos da imigração, não foi diferente. Os dois grupos trouxeram uma tradição religiosa muito forte. Percebendo a necessidade, o governo mandou construir uma capela comum para os imigrantes. Antes de se transformar em lugar de culto, a capela se transformou em palco de desentendimento e confusão, como sugere uma anotação encontrada no Livro do Tombo.

No princípio faziam as suas orações tanto os ucranianos como os polacos simultaneamente na capela que o governo mandou levantar pelo construtor Temko Saj. As intermináveis questões e brigas porém chegaram a tal ponto que os ucranianos abandonaram a capela até então comum, transferindo-se para o prédio adquirido para este fim, adaptando a casa ali existente para uma capela provisória.¹⁴

A incompatibilidade de dois mundos culturais diferentes torna impossíveis a convivência e a prática religiosa num mesmo local. Para os ucranianos era uma dissolução no vazio, no caos, em que não conseguiam se encontrar, cujo fim seria a extinção deles mesmos.

Apesar de já estarmos na República, a presença da Igreja ainda permanecia muito forte, principalmente em relação à imigração. “Fundar um núcleo de povoação era antes de tudo colocar a capela em seu centro geográfico, simbolismo da centralização do seu poder na comunidade”(MARTINS, 1989). Os ucranianos não conseguem se enquadrar nesse esquema. Recusam a capela do governo e não aceitam permanecer lado a lado com os poloneses nem tampouco querem ser identificados com eles. Isso significa não admitir a ingerência do governo e da Igreja em questões particulares, na fé e na cultura.

Não admitem ser “colonizados” espiritual e culturalmente. Rejeitam o esquema colonizador e tudo o que ele podia significar como colonizador também da fé e da cultura.

14 Livro do Tombo do Curato da Colônia Olyntho. F. 02.

O problema de fundo da crise entre os dois grupos passa pela questão da diferença. Parece ser muito provável que o abandono do local ocorreu também em função do medo de perder a diferença e do medo da invasão de fronteiras e de limites, tendo em vista que os limites étnicos se cimentaram na questão religiosa. Os ucranianos queriam ser e se preservar diferentes. Para eles era, pois, uma questão de sobrevivência como identidade étnica, tendo em vista que

a ordem cultural não é senão um sistema organizado de diferenças; são os desvios diferenciais que dão aos indivíduos sua "identidade", permitindo que eles se situem uns em relação aos outros (GIRARD, 1990, p. 69).

Continuar dividindo e disputando o mesmo espaço acarretaria a decomposição da dimensão religiosa e cultural e a perda do referencial simbólico. Os ucranianos estariam expostos a perder a sua vitalidade, a se dissolver e a ver desmoronar a sua cultura. A convivência dos dois grupos tenderia a apagar a dimensão simbólica de cada um. Portanto, abandonar o local significava amenizar as "intermináveis brigas", ou seja, minimizar a violência recíproca. Talvez essa violência não se desencadeasse em termos de luta ou violência física como tal, mas de uma luta ideológica no campo cultural e religioso, para desarticular e agredir a produção simbólica e o patrimônio cultural de ambos. Um pensamento de René Girard pode completar essa hipótese.

Quando a dimensão religiosa se decompõe não é apenas a segurança física que se encontra imediatamente ameaçada, mas a própria ordem cultural. As instituições perdem a vitalidade; a armação da sociedade desmorona e se dissolve; inicialmente lenta, a erosão de todos os valores precipita-se; toda a cultura ameaça desabar e um dia inevitavelmente desmorona como um castelo de cartas (GIRARD, 1990, p. 69).

Um outro fator que pode ter influenciado o "abandono do local" é o rigor dos padres poloneses do período com a população local. As relações dos colonos, principalmente dos poloneses, com os seus padres parecem não ter sido tão *bratni* (fraternas) nos primeiros

tempos, haja vista que um deles espancava seus fiéis e outro foi assassinado.¹⁵ Portanto, urge então a necessidade de desvincular-se desse espaço desconhecido e sem orientação e “fundar o seu próprio mundo”. A fundação do Nosso Mundo significou a instauração da diferença, conferindo ao grupo uma característica fascinantemente peculiar.

O Nosso Mundo, na realidade, vem representado pelo templo-igreja, reproduzindo uma concepção religiosa própria. É a igreja que vai reunir e expressar as características da cultura, transformando-se em um dos suportes da religiosidade da população ucraniana daquele local. Localizada fora do contexto urbano, em uma pequena elevação, a igreja é um sinal de que aquele mundo é posse, é propriedade de alguém. É um mundo que tem dono. Isso faz com que ela se insira no que podemos chamar de limiar, que distingue dois mundos — ucraniano e brasileiro e serve de orientação, sinal e ponto de apoio. “O sinal, portador de significação religiosa, introduz um elemento absoluto e põe fim à relatividade e à confusão” (ELIADE, 1992, p. 26). Assim, por um lado, a igreja vai validar a posse do espaço e demarcar limites geográficos, sociais, culturais e religiosos e, por outro, vai expressar o tipo de religiosidade de um grupo de uma determinada época e o tipo de relação que esse grupo teve com a sociedade local. O sinal traça um modo de conduta e de orientação.

As raízes da religiosidade ucraniana estão na tradição bizantina. A construção da igreja obedece e reproduz os traços daquela tradição, cuja representação arquitetônica é construída a partir do simbolismo cósmico. A planta da igreja reproduz o simbolismo cósmico. “A igreja é concebida como imitação da Jerusalém celeste, reproduzindo o

15 Um jornal da época traz menções das relações entre o clero e seus fiéis. “O padre José Schuky da colônia Antônio Olyntho, está aplicando em suas ovelhas o regime da vara de marmelo. Colono que ao domingo não enverga a fatiota para ver Deus e não vae à Igreja, toma uma surra na certa. Muitos tem sido os indivíduos de nacionalidade polaca que têm ficado com o corpo coberto de vergões, provenientes de sovas, por cometerem o pecado de deixar de ir à missa” (Diário da Tarde, Curitiba, 1904. no 1504, p. 2.). Em 1911, ocorreu o assassinato do pároco local, João Woloncewicz. Acerca desse assassinato o padre João Michalczuk, pároco dos ucranianos, escreveu: “(...) dia 8 de agosto as seis horas da tarde caiu em própria casa, o R. Padre João Woloncewicz vítima de um covarde assassino. O cadáver foi depois arrastado à casinha que se achava atrás da casa e pendurado com uma corda ao pescoço de uma trave [...] ignora-se quem tenha sido o autor do assassinato. Geralmente se diz que foram os seus próprios paroquianos que não gostavam dele” (Livro do Tombo do Curato da Colônia Antônio Olyntho. F. 3).

Paraíso e o mundo celeste (ELIADE, 1992, p. 53). A igreja é “imagem e axis mundi”. “Ela reflete a simbologia cósmica da estrutura do mundo” (ELIADE, 1992, p. 33-42). “E um arquétipo celestial” (ELIADE, 1992, p. 19-23) “A forma, as medidas e o modelo refletem o domínio sagrado.

É uma presença imanente-transcendente na qual o culto à divindade é “atualizado” (ZUK, 1989 p. 30).

Na igreja de Antônio Olinto esse simbolismo cósmico está fortemente presente. Construída em uma pequena elevação, com cinco cúpulas octogonais, obedecendo o eixo longitudinal Leste-Oeste (nascente/poente) com o altar para o Leste e a porta de entrada para o Oeste, em forma de cruz, simbolizando as quatro direções do mundo, a igreja reúne traços da arquitetura bizantina e ucraniana conjugados à realidade e condição dos imigrantes das primeiras décadas deste século. O altar está no oriente, de onde vem a luz; a porta de entrada está no ocidente, lugar das trevas. Essa simbologia expressa o movimento de passagem: entra-se pela porta do Ocidente (trevas) rumo ao Oriente (luz), ou seja, entrar na igreja significa sair das trevas e entrar na luz. No seu interior, ainda que muito simples, estão o iconostás e a porta imperial, que separam o altar da nave principal. O iconostás e a porta imperial separam o altar da nave principal, guardando o sagrado, o Santo dos Santos. Segundo a tradição, nesse recinto vedado só é permitida a circulação de especialistas do culto, pois, “o sagrado é sempre perigoso para quem entra em contato com ele sem estar preparado, sem ter passado pelos ‘movimentos de aproximação’ que qualquer religião requer (Eliade 1993, p.298)

O iconostás, cujas portas são abertas só na hora da missa, estabelece o limite interno e delimita a circulação dentro da própria igreja. Transpor o limite é privilégio de especialistas e de pessoas envolvidas com o serviço sagrado. Porém, esse limite vai ser relativizado e o espaço, de certo modo, “profanado”, com a circulação de turistas ou “devotos”, para verem o ícone da Virgem dos Corais, que está ao fundo, atrás do altar.

No interior do iconostás, elevado alguns degraus acima do nível da nave, está o pretil (altar), a mesa do “sacrifício incruento”. Sobre o pretil erguem-se quatro colunas que sustentam uma pequena cúpula, reproduzindo a abóbada celeste. As quatro colunas simbolizam os quatro pilares que sustentam o céu. No centro do pretil está o kevót (sacrário),

uma igreja em miniatura, onde mantém-se guardado o cálice com as hóstias consagradas. Enfim, o pretil é um microcosmos, um microcentro, um microaxis e microimago mundi.

Observando o interior da igreja, constata-se que não há imagens (estátuas). Toda pintura hagiográfica está em forma de ícones, uma característica própria do rito. Dois ícones chamam a atenção: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a Virgem dos Corais. O primeiro é uma enorme pintura da aldeia ucraniana de Antônio Olinto, juntamente com o pároco, sob o manto protetor de Nossa Senhora; o segundo é a Virgem dos Corais, confeccionado de corais e pedras preciosas doados pelos imigrantes. Ambos têm história, uma história ligada à vida do povo. Ambos foram produzidos no tempo do padre João Michalczuk, que foi pároco do lugar durante 39 anos. Trataremos desse assunto em outra oportunidade. O interior da igreja é todo pintado de cenas bíblicas porque, no entender do padre João,

as imagens (pinturas) nas Igrejas são como que uns retratos dos Santos, são uma espécie de livros em que veem os que não sabem ler (...) como a palavra age por meio da audição, do mesmo modo a imagem atua mediante a vista.¹⁶

Enfim, toda a simbologia da igreja é uma linguagem não verbalizada, implícita, fragmentada e importante expressão de significados religiosos.

De maneira análoga ocorre do lado externo. A cerca ou o muro ao redor da igreja ou da gruta tem a função de demarcar o limite do espaço sagrado e do espaço profano. É a vedação, no meio de um espaço "caótico", de um espaço organizado, "cosmicizado" e sagrado. É o limite entre dois espaços heterogêneos. Entrar neles exige algum gesto preparatório.

O muro ou vedação não implica e não significa apertar a presença contínua de uma cratofania ou de uma hierofania no interior do recinto; ele tem, além disso, por objetivo, preservar o profano do perigo a que se exporia se ali penetrasse sem os devidos cuidados (ELIADE, 1993, p. 298).

16 Livro do Tombo do Curato da Colônia Antônio Olyntho. F. 7.

O espaço limitado e demarcado é sempre um espaço diferente. Há uma entrada e há uma saída. A entrada, o portão ou a porta, que se abre para o interior, significa a passagem do mundo profano para o mundo religioso.

O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos — e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado (ELIADE, 1992, p. 24).

É lá no interior do recinto sagrado que o mundo profano é transcendido; é lá que é possível a comunicação com Deus e com os seres que habitam o céu; é lá que Deus e as forças celestes podem descer à terra e o homem pode subir simbolicamente ao céu (ELIADE, 1992, p. 25). A passagem pelo limite, portão ou porta, evoca respeito e “temor” em quem o transpõe. Todas as vezes que as pessoas cruzam o limite fazem algum sinal ou gesto, como o sinal da cruz ou mesmo tirar o chapéu, em se tratando dos colonos de Antônio Olinto. Talvez, mais do que um sinal de respeito, o gesto seja uma comunicação direta e particular com o sagrado. É uma espécie de “passe” que coloca as pessoas em condição de entrar em contato com o sagrado e de se deixarem ser possuídas por ele.

A razão desse espaço se localizar fora do contexto urbano pode parecer uma questão sem importância. Pode-se argumentar que os ucranianos foram os primeiros que ali chegaram e ocuparam uma região inóspita, ainda quando Antônio Olinto se resumia a menos de uma dezena de moradores. Ou ainda podemos argumentar que as “terras da igreja” não permitem que o perímetro urbano avance em direção àquele local. Porém, se olharmos do ponto de vista religioso e cultural do povo, as argumentações podem encontrar maior sustentação. É claro que as “terras da igreja”, além do seu significado econômico, vão representar uma espécie de redoma, protegendo aquele patrimônio. E a noção de limite, de fronteira, que vai fazer a diferença e distinguir os mundos ucraniano e brasileiro. Portanto, aquele mundo constitui uma fronteira geográfica, religiosa e social, isto é, a fronteira é vivenciada em todos os segmentos da vida daqueles colonos, sobretudo nas expressões e comportamentos culturais e socioreligiosos.

Para os imigrantes, a construção do “mundo ucraniano” aconteceu a duras penas. A necessidade de afirmação incompatibiliza o uso de um mesmo local e reclama por um espaço particular para o exercício da liberdade cultural e religiosa.

Intermináveis rixas e desavenças entre os polacos e ucranianos foram a causa que estes últimos retiraram-se da capella e compraram três lotes de dez alqueires situados na linha Gonçalves. Como compradora de todas estas terras, figura a “Sociedade Ruthena.”¹⁷

O espaço geográfico era o lugar da reconstrução religiosa, cultural e social. Serviu para reconstruir a religião, a vida cultural e a vida social. Ali foram construídas a igreja, a escola, a sala de leitura, a cooperativa, transformando-se em centro do mundo ucraniano para os imigrantes e seus descendentes. E o lugar mítico, onde, simbolicamente, se revivia e se atualizava a Ucrânia. Além da afirmação religiosa, urge igualmente a necessidade de afirmação e de organização social. Isso ocorre num período especialmente crítico, quando os imigrantes ucranianos corriam o risco de ser confundidos com os poloneses, alemães e austríacos. Portanto, era necessário não somente idealizar a pátria, mas de alguma forma torná-la real, concreta e visível.

Dissemos, anteriormente, que o sinal, isto é, o “mundo construído”, traça um modo de conduta e de orientação. Os colonos terão sua conduta e seu comportamento religioso e moral orientados pela tradição, pelo Calendário e pelo rito. O rito demarca fronteiras em relação à liturgia, à administração e distribuição dos sacramentos e cria um sistema de representações, resultando na formação de um campo religioso muito particular. O contato com o rito latino devia ser minimizado. Os imigrantes e seus descendentes jamais poderiam receber bens de salvação na Igreja latina brasileira. Da mesma forma, os fiéis dessa Igreja

17 Livro do Tombo do Curato da Colônia Antônio Olyntho. F. 05. Ruthênia – rutno: termos cunhados pelos latinos para designar o país da antiga Rus’ de Kiev e seus habitantes. Mais tarde o termo ruteno passou a designar os habitantes da região denominada Galícia (Halitchiná), na fronteira ocidental, de onde veio a maioria das primeiras imigrações para o Brasil, de forma que os primeiros imigrantes são denominados rutenos. A expressão rutenos era a denominação mais disseminada, de modo que os periódicos da etnia, como o *Prácia* e o *Missionar*, recebiam a denominação de Jornal para os Ruthenos no Brasil e *Missionar* para os Ruthenos no Brasil. Verifica-se, porém, que a partir de 1915 é suprimida a expressão rutenos e passa-se a usar ucranianos.

sempre, ou quase sempre, encontravam (e encontram) dificuldades em participar dos bens de salvação distribuídos pela Igreja ucraniana.

O simbolismo que aquele espaço reproduz serve para ligar o povo aos seus antepassados. Reproduzindo as características da cultura e do rito, o espaço sagrado serve de liame que prende as pessoas às raízes culturais, fazendo-as arquitetar suas vidas e seus comportamentos religiosos aos dos antepassados. Há uma relação de identificação. Enquanto o religioso circula por ele, o espaço não só passa a ter uma outra dimensão, mas também a ser ponto de referência e orientação. As pessoas do lugar se identificam com tudo o que aquele espaço sagrado significa, representa e reproduz. Frequentemente, as pessoas afirmam que, no domingo, mesmo que não haja missa, mas outra reza, deve-se ir à igreja da Colônia. Perguntadas sobre o porquê de preferirem a igreja da Colônia, elas respondem que “é porque sempre frequentamos aquela igreja desde pequenos, ali fomos batizados, fizemos a eucaristia, casamos e batizamos nossos filhos”. O lugar é um espaço importante, que faz parte da vida das pessoas e com o qual se identificam. É continuidade. É memória mítica. É reconstrução de arquétipos. A delimitação e a construção do espaço próprio têm a ver com a construção de uma identidade individual e coletiva. No âmbito das relações interétnicas, a delimitação do espaço torna-se uma necessidade e tende a se exprimir como um mecanismo de oposição ou contraste. É a “identidade contrastiva” e

implica na afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, fazem-no como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente (OLIVEIRA, 1976, p. 5).

Para os imigrantes ucranianos era fundamental afirmar o nosso mundo diante do outro mundo, o que continua acontecendo até os dias de hoje. Essa diferenciação constitui a base da identificação étnica e, por conseguinte, serve de canal de comunicação com outros grupos ou sistemas interétnicos, como também para cultivar a “identidade histórica”, marcando o seu lugar na sociedade na qual estão inseridos. Então, o espaço sagrado é um dos meios pelos quais os ucranianos de Antônio Olinto se definem e se diferenciam das demais populações do lugar. Enfim, a refundação do mundo será uma representação viva

e real do mundo ucraniano, não só no seu aspecto sociorreligioso, mas também geográfico. É ali que, simbolicamente, revive-se a Ucrânia. Um viajante ucraniano, por ocasião de sua visita àquela colônia, em 1922, assim se expressou:

A igreja com quatro cúpulas (vão construir a quinta) toda de imbuia, em forma de cruz grega, o campanário com sua arquitetura muito leve .com o maior sino entre as igrejas ucranianas), localizados entre verdes e frondosas imbuias no silêncio da floresta, lembram as antigas grutas das matas ucranianas e, em solo brasileiro, evocam um efeito estético fora do comum (KARMANSKEI, 192, p. 56, tradução nossa).

Esse mesmo viajante ainda observou que, no pátio da igreja, árvores europeias como o cipreste e o carvalho haviam sido plantadas. Embora desafinando a harmonia das araucárias e imbuias brasileiras daquele lugar, essas árvores reproduziam, no real e no imaginário do imigrante, a sua aldeia, a igreja da sua aldeia, o contexto geográfico e religioso da sua terra natal. Ao ir para a igreja, ao entrar e vivenciar esse espaço, a lembrança mítica das suas origens ia se reconstruindo e se recompondo. Ao entrar naquele espaço o imigrante refazia os seus arquétipos e reconstruía as suas origens.

Conclusão

Este breve estudo procurou mostrar como os primeiros imigrantes ucranianos de Antônio Olinto encontraram respostas e criaram mecanismos de resistência para superar a desestruturação religiosa e cultural a que estavam expostos. Sem dúvida, foi uma tarefa difícil e que aconteceu com a total colaboração da instituição eclesiástica. De maneira que a história da refundação do mundo ucraniano em Antônio Olinto é também a história da instituição eclesiástica daquele lugar. Ela procurou moldá-lo conforme os seus próprios interesses.

O mundo refundado imprimiu limites, mas não impermeabilizou o grupo de influências externas. Na atualidade, o grupo está integrado na vida social e política da sociedade local. Há uma considerável incorporação de elementos culturais e religiosos de fora.

Talvez o ponto nevrálgico da questão do espaço sagrado se resuma na seguinte hipótese: o espaço sagrado dos ucranianos de Antônio Olinto vem se transformando em espaço de busca de interesses religiosos e políticos para encontrar referenciais que sustentem algum tipo de afirmação perante a sociedade. Assunto este que poderá ser tratado em outra oportunidade.

Fontes e bibliografia

1. Fontes Manuscritas

Arquivo Paroquial da Igreja Ucraniana de Antônio Olinto Livro do Tombo

2. Fontes de Imprensa

Prácia — Prudentópolis

Diário da Tarde — Curitiba

Bibliografia

CHEVTCHUK, Mikhailo. Sórok Lítia Ukraínskoí Imigrátzii v Brazêlii. *Prácia*, Prudentópolis, no 33, 34, 35, 1936.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992b.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra; Unesp, 1990.

KARMANSKEI, Petró. *Mij Rídneme u Pivdenii Améretzi*. Kiev; Viena: Editora Tchaika, 1923.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. Famílias Proprietárias e Estratégias de Poder Local no Século Passado. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 17, 1989.

ZUK, Radoslav. *Sacred Space in Ukrainian Canadian Experience: Tradition and Contemporary Issues*. The Ukrainian Religious Experience. Edmonton, Canadian Institute of Ukrainian Studies, 1989.